

Fernando Lemos. A idade do tempo

Fernando Lemos. The age of time

SANDRA MARIA LÚCIA PEREIRA GONÇALVES*

Artigo completo submetido a 11 de janeiro e aprovado a 24 de janeiro de 2015

*Artista visual. Graduação em Comunicação Visual na Escola de Belas-Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestrado e doutorado em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação (UFRJ).

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), Departamento de Comunicação (Decom). Professora da área de Fotografia. Rua Ramiro Barcelos, 2705. Campus Saúde, Bairro Santana, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, CEP: 90035-007, Brasil. E-mail: sandrapgon@terra.com.br

Resumo: O presente artigo tem como proposta refletir acerca do trabalho de Fernando Lemos, artista português e brasileiro. Na amplitude de seu trabalho artístico, que abarca da poesia à pintura, passando pela fotografia, gravura, desenho e artes gráficas, se escolheu para reflexão a sua expressão fotográfica, mais especificamente a série Ex-Fotos (Valladares, 2010), realizada entre os anos de 2005-2009.

Palavras-chave: Fotografia matéria / Fernando Lemos / Surrealismo / Ex-Fotos.

Abstract: *This article aims to reflect on the work of Fernando Lemos, Portuguese and Brazilian artist. In range of your artwork, from poetry to painting, through photography, printmaking, drawing and graphic arts, the series Ex-Fotos (Valladares, 2010), carried out between 2005-2009, was chosen to reflect his photographic expression.*
Keywords: *Substance Photography / Fernando Lemos / Surrealism / Ex-Fotos.*

Introdução

Ex-Fotos, série fotográfica produzida por Fernando Lemos, artista português e brasileiro, realizada entre os anos de 2005-2009, é o que move a reflexão aqui propostas. Marque-se que o trabalho artístico de Lemos permeia áreas que vão

da poesia à pintura, passando pela fotografia, gravura, desenho e artes gráficas, o que faz dele um artista multimídia — invulgar, múltiplo, aberto ao novo, a diferença, ao acaso e ao experimentalismo, características próprias daqueles marcados pelas ideias surrealistas (pertenceu à segunda geração de modernistas de Portugal). Nasceu em Lisboa em 1926. Todavia, hoje, na altura de seus quase noventa anos, segue atual, demonstrando que a sua idade é a do tempo, o tempo que podemos ver no cristal (inspiração no conceito de Imagem-Cristal desenvolvido por Deleuze (2007)): contração/expansão de passado e futuro, um entre-lugar de atualização permanente ao qual damos o nome de presente. Fernando Lemos é puro presente, o próprio cristal do tempo, pulsante, como descrito por Deleuze (2007). Sua obra fotográfica, como a aqui proposta para o pensamento, é cristalina no sentido proposto pelo pesquisador em fotografia Antônio Fatorelli (2003). Esse último autor, tendo como base o conceito deleuziano de Imagem-Cristal (Deleuze, 2007), utiliza o conceito para nomear as imagens fotográficas que não possuem como viés a subserviência à referência, possuidoras que são de realidades que não se confundem com ela. Segundo o autor, “[...], essas imagens situam-se num presente sempre renovado que desperta um passado e prenuncia um futuro igualmente abertos” (Fatorelli, 2003: 33); essas imagens são como presentificações, atualizações expressas em dados arranjos do visível. Para pensar a série *Ex-Fotos* de Fernando lemos é com esse conceito de Imagem-Cristal que se irá operar. Afirma-se que tal conceito é operacional para pensar imagens no universo da arte.

A série *Ex-fotos* tem caráter experimental e inspiração surrealista. As fotografias que deram origem ao trabalho foram coletadas de descartes de fotógrafos amadores. O autor, a partir do dado, imagina e cria novas estórias com intervenções na superfície fotográfica (risca, pinta, rasga, esfola), que adquire assim nova potência. Ao final, o artista fotografa o material manipulado reconvertendo-o em fotografia. Apresenta-se a seguir uma dessas imagens (Figura 1):

Percebe-se na imagem acima a liberdade inspiradora do surrealismo, bem como um quase abstracionismo (não faz sentido para o artista nenhum tipo de fronteira). Novos arranjos configuram-se. O artista, a partir das múltiplas intervenções, cria brechas, vazios, emaranhados, linhas, massas de cores e convida o leitor a uma viagem intensa, suplementar e cristalina através da imagem.

Autores como Deleuze (2007) e Fatorelli (2003) são utilizados para ancorar um dos conceitos norteadores e operadores deste artigo, qual seja o de Imagem-Cristal. Rouillé (2009) trará subsídios para a reflexão sobre a fotografia dos artistas. Esses são alguns dos autores, entre outros, a serem consultados na construção da reflexão proposta.

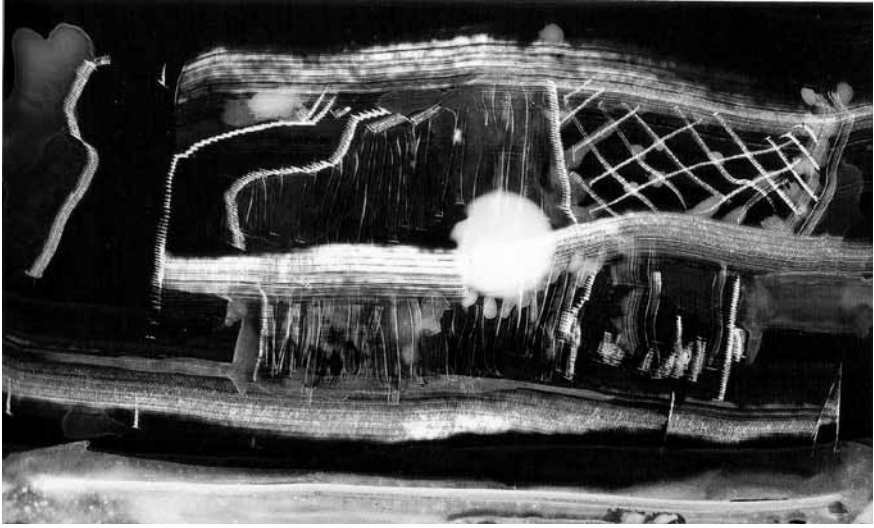


Figura 1 - Fernando Lemos, *Jóia Falsa Não!* Série Ex-Fotos, Lisboa, 2005-2009, Fotografia. Fonte: Valadares (2010).

1. Fernando lemos: o artista e a matéria trabalhada

Como apontado na introdução deste artigo, Fernando Lemos é um artista múltiplo que não se limita a uma única forma de expressão. Dentre essas, a que aqui se foca é a fotografia, aquela fotografia praticada pelos artistas que, segundo André Rouillé (2009: 287), não possui como função primeira “reproduzir o visível, mas tornar visível alguma coisa do mundo, alguma coisa que não é, necessariamente da ordem do visível”. No trabalho de Fernando lemos a fotografia adquire o *status* de material artístico.

Sua iniciação no universo artístico deu-se muito cedo (aos 17 anos já atuava como litógrafo). Todavia, foi na escrita que se deu o primeiro grande movimento; depois seguiu-se o desenho e a pintura (estudos começados e inacabados). Nos anos 1940, ele conhece as exposições surrealista e rende-se, maravilhado a esse movimento. É desse período o seu primeiro envolvimento com a fotografia. No início dos anos 1950, mais precisamente em janeiro de 1952, junto com mais dois amigos (Fernando de Azevedo e Marcelino Vespeira), Fernando Lemos, um surrealista, faz sua estreia oficial e pública na fotografia (na exposição também apresentou trabalhos a óleo, guaches e desenhos). Essa exposição, um escândalo no período, marcado pelo salazarismo, aconteceu na Casa Jalco (casa de móveis e decoração, no Chiado) e assim ficou conhecida: Exposição da Casa Jalco. A profundidade e originalidade de Fernando lemos deixou um marco na fotografia surrealista bem como no meio intelectual da Lisboa de então.

Neste mesmo período, tentando fugir da pressão política local e em busca de novos ares, resolve emigrar para o Brasil (onde reside até a presente data), juntando-se a outros exilados. Algum tempo depois é proibido de regressar a Portugal, pátria a que retorna apenas após a Revolução dos Cravos. Sua volta à fotografia, como matéria artística a ser trabalhada, se dá quase 60 anos depois dessa primeira experiência na Casa Jalco, com a série fotográfica *Ex-Fotos*.

Ressalta-se que as imagens fotográficas da Exposição da Casa Jalco, produzidas por Fernando Lemos, em sua maioria são retratos de amigos, frequentadores do mesmo meio do artista e caracterizam-se, na sua construção, por procedimentos como a múltipla exposição dos negativos (várias tomadas sobre um mesmo fotograma apostando no acaso das superposições) e solarizações que produzem efeitos a serem descobertos na revelação (Mendes, s/data), como se pode observar na imagem a seguir (figura 2). Com esses gestos e o automatismo da máquina fotográfica o artista buscava uma espécie de liberdade, um descontrolo controlado. Ou seja: o gesto surrealista está presente no automatismo da máquina e nas manipulações do artista, todavia o desejo compositivo e gráfico permanece presente (agia como um pintor).



Figura 2 · Fernando Lemos. Autorretrato de Fernando Lemos. Coleção Berardo, 1949-52. Fotografia
Fonte: *Fernando Lemos: percursos*, 2010.

Ambas as produções, Exposição da Casa Jalco e *Ex-Fotos*, apesar dos anos que as separam, possuem em comum o ímpeto e a liberdade gestual surrealista. Contudo, em *Ex-fotos* Fernando Lemos dedica-se a procedimentos opostos à sua obra fotográfica inicial — cuja característica principal se faz presente na manipulação das imagens no momento da captação — e passa a intervir diretamente sobre a superfície do papel impresso com as imagens coloridas rejeitadas através de risco, rasgos, adição e subtração de cores, como se verá a seguir.

1.1 *Ex-Fotos*

Fernando lemos, assim como outros artistas atuais, utiliza como matéria a ser trabalhada na série *Ex-fotos* as sobras da cultura. A série é composta por 20 imagens fotográficas a cores. O artista tem como ponto de partida imagens produzidas por anônimos, descartadas por não conferirem com o desejo de quem as produziu (talvez por motivos técnicos, formais ou mesmo de ordem pessoal). Ele coleta essas imagens e lhes dá um novo destino. Nessas imagens, rejeitadas pela ruptura do desejo (alheio), Lemos busca uma potência inaudita, submersa na matéria fotográfica. O artista procura um reencantamento na urgência de abri-las às regiões secretas do sonho e do devaneio. Seu desejo, aguçado por sua verve surrealista, o leva a desmascarar a primeira realidade da imagem fotográfica e sua consequente ligação com um referente reconhecível (na maioria das imagens da série, o referente indicial do objeto apenas se insinua), provocando uma espécie de apagamento. Esse movimento irá provocar a ressignificação dessa matéria plasmática em que se transforma a imagem fotográfica. Ao cortar, riscar, raspar, acrescentar ou retirar cor da superfície material da fotografia o artista intenta ir além da transparência fictícia da imagem e arrancar-lhe a pele, revelando ou fazendo aflorar outras densidades que não aquelas impressas na fração infinitesimal de tempo representada pelo “instante” do clique, do ato fotográfico.

É um ato amoroso, mesmo que selvagem, a relação que Lemos entabula com essas imagens, descartadas por seus primeiros autores por considerá-las como uma memória impossível (memória/lembrança vista como destino provável das fotografias amadoras). Imagens que, como seu autor, existem na deriva, desterritorializadas de uma pátria de origem. Livres, híbridas, em trânsito (como o é a própria vida) desconsideram territórios delimitados (não faz sentido interrogá-las se são fotografia ou pintura) e desejam o devir. Potentes, cristalinas, autônomas, desconcertantes, inventam-se como imagem e narrativa. Ao se apagar as antigas referências, marca inaugural de sua primeira geração, um desejo de novo delas se apossa. Como bem aponta Valladares (2010), em texto de apresentação no catálogo da exposição *Ex-Fotos* em Lisboa,

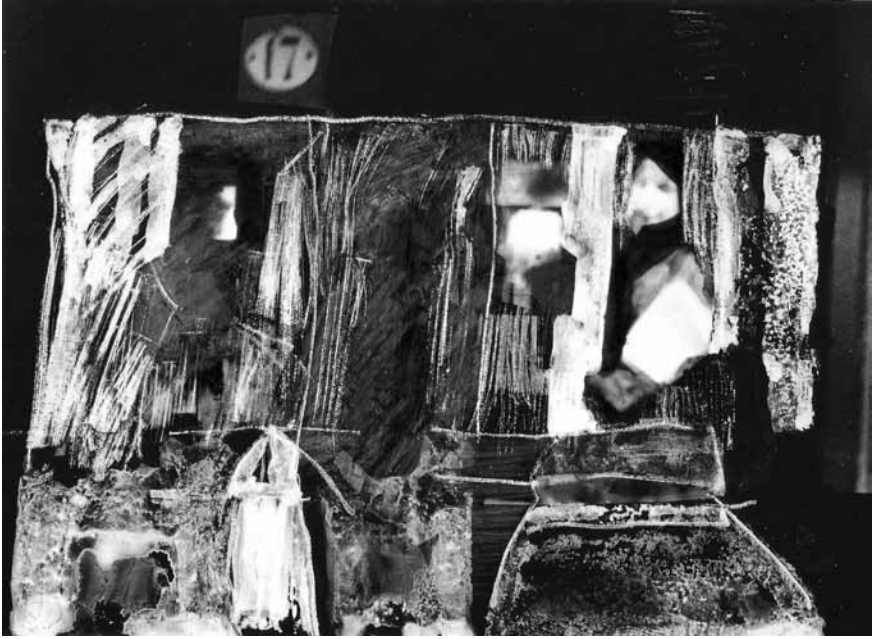


Figura 3 - Fernando Lemos. *Quem me descobrirá?* Série Ex-Fotos, Lisboa, 2005-2009, Fotografia. Fonte: Valadares (2010).



Figura 4 · *Credo, parecia almoço espírita!* Série Ex-Fotos, Lisboa, 2005-2009, Fotografia. Fonte: Valadares (2010).

Num gesto de liberdade Fernando Lemos desmonta a imagem recusando dar-nos o que esperamos dela, destrói qualquer forma pré-estabelecida de a ler, deixando-a livre duma lógica formal ou de sentido. Essa são pois imagens de transgressão, que contrariam o seu reconhecimento e a sua relação com o real, obrigando-nos a interrogar não só a imagem mas também a construção que fazemos da realidade (2010: 11).

Os procedimentos surrealistas dos quais se apropria (o trabalho frenético sobre a superfície do papel numa espécie de escrita automática, a liberdade no uso de diferentes técnicas entre outros procedimentos possíveis) abre caminho aos espectros, às **aparições e aos encontros imprevistos (Durand, 1996)**. Na série *Ex-Fotos*, Fernando Lemos cria territórios incertos, zonas de delírio, sensações. O trabalho do artista busca trazer de volta à imagem rejeitada a potência do desejo, transformando-a em brecha, cristal pleno de devir como se poderá observar a seguir.

Nas duas imagens referidas (Figura 3 e Figura 4) o observador é levado a procurar os vestígios da fotografia original — O “isso foi” barthesiano (Barthes, 2006) que ainda clama nessas estórias inventadas. De certo modo essa presença pressentida é o “relé” necessário para a aventura de re-encantamento do desejo pretendido pelo autor (supõe-se) e que desse modo, dá nova vida aos “eus” rejeitados no descarte. Fragmentados, partidos e recompostos num equilíbrio incerto, novos personagens entram em cena. De maneira irônica e mesmo trágica, maneira essa reforçada pelo auxílio das legendas que acompanham as fotografias — “Quem me descobrirá?” (Figura 3) e “Credo, parecia almoço espiritual!” (Figura 4) — o artista convida o observador para uma aventura incerta, com riscos, nesta trama labiríntica.

Conclusão

Escrevo esta conclusão em primeira pessoa, de modo a reforçar meu encantamento com este artista. De minha parte, um enamoramento teve início no conhecimento e aprofundamento de suas expressões artísticas. O encontro com esse amor deu-se por puro acaso, tão caro aos surrealistas; teve início em um entardecer de novembro de 2014 entre as prateleiras da Livraria Bertrand, no Largo do Chiado, em Lisboa, quando me deparei com dois volumes que me chamaram a atenção. Tratava-se de duas obras de Fernando Lemos: *Isto é Isto* e *Ex-fotos*. A última deu origem a este trabalho. Nos múltiplos Fernandos que a partir daí conheci (ou vislumbrei) não sei de qual gosto mais: se do poeta, do fotógrafo, do desenhista ou do pintor. Mas concordo com a ideia de que um permeia o outro, como o afirma o próprio artista: “Escrevo como se fizesse fotogra-

fia, faço fotografia como se pintasse, pinto como se estivesse fazendo desenho” (Valladares, 2011). Fernando Lemos é um deslumbramento. É a força da vida, em seu incessante devir.

Referências

- Barthes, Roland (2006). *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70. ISBN: 972-24-41349-7
- Baudouin, Daniela (Org.) (2010). *Fernando Lemos: percurso*. São Paulo: BEI Editora. ISBN: 978-85-7850-050-4
- Deleuze, Gilles (2007). *A Imagem tempo*. São Paulo, SP: Brasiliense. ISBN: 85-11-22028-3
- Durand, Régis (1996). *Fernando Lemos ou a leveza do signo*. In Baudouin, Daniela (2010). *Fernando Lemos: percurso*. São Paulo: BEI Editora. ISBN: 978-85-7850-050-4
- Fatorelli, Antonio (2003). *Fotografia e viagem. Entre a natureza e o artifício*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumara. ISBN: 85-7316-323-2
- Mendes, Ricardo (s/data). *Fernando Lemos: um olhar moderno sobre a fotografia nos anos 40, entre Portugal e Brasil*. [consult. 2015-01-01]. Disponível em <URL: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/linha/dart/revista6/lemos.htm>>
- Rouillé, André (2009). *A fotografia. Entre documento e arte contemporânea*. São Paulo, SP: Senac. ISBN: 978-7359-876-6
- Valladares, Filipa (2010). *Catálogo Ex-Fotos*. Lisboa: Assírio & Alvim. ISBN: 978-972-37-1552-1